

AMAZÔNIA Criminosos levam animais e plantas sem a permissão do governo com o objetivo de comercializar o material genético

Biopiratas sofisticam atuação na floresta

A ROTA DA BIOPIRATARIA NA AMAZÔNIA

Segundo investigações do Ibama e da Polícia Federal

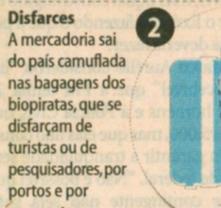
O ESQUEMA

1



Coleta
Os biopiratas coletam ilegalmente da floresta amazônica mudas de plantas nativas, animais, microorganismos, fungos etc.

2



Disfarces
A mercadoria sai do país camuflada nas bagagens dos biopiratas, que se disfarçam de turistas ou de pesquisadores, por portos e por aeroportos

3



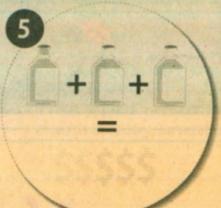
Patentes
Os produtos da floresta são vendidos para laboratórios ou colecionadores, que patenteiam as substâncias provenientes das plantas e dos animais

4



Cifra
Segundo a CPI da Biopirataria, o tráfico de animais e de plantas silvestres movimentava anualmente US\$ 1 bilhão no país

5



Prejuízo
Sem a patente, o Brasil, as comunidades indígenas e as populações tradicionais deixam de receber royalties

KÁTIA BRASIL
DA AGÊNCIA FOLHA, EM MANAUS

As recentes prisões de estrangeiros acusados de praticar biopirataria na Amazônia mostram que, nos últimos anos, as técnicas utilizadas por esses criminosos ficaram mais sofisticadas.

A biopirataria é um crime que consiste em transportar animais ou plantas sem a permissão do governo e, em geral, com o objetivo de usar o material genético coletado para fins comerciais.

O caso que mais chamou a atenção das autoridades é o de dois alemães que foram presos no último dia 17 de fevereiro, no aeroporto de Manaus, tentando levar para Bancoc (Tailândia) espécies de peixes amazônicos que têm a comercialização proibida.

Com os alemães, foram apreendidos um aparelho GPS (para localização via satélite), equipamentos de medição de oxigênio, eletricidade e pH da água e tranquilizantes para os peixes.

"O que impressiona nesses novos biopiratas é a sofisticação dos equipamentos e disfarces. O GPS é um sinal claro de que eles marcaram os locais das ocorrências dos peixes para coletas futuras", disse à Agência Folha José Leland Barroso, gerente-executivo regional do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis).

Com os equipamentos, os alemães mediram as condições da água nos locais onde coletaram os peixes e as reproduziram nas caixas de isopor em que pretendiam levar os animais —vivos— até Bancoc. A viagem até a Tailândia dura aproximadamente um dia.

Números

Segundo o Ibama, 29 estrangeiros —incluindo holandeses, suíços, alemães e norte-americanos— foram presos no Amazonas acusados de biopirataria desde 1994, sendo 22 de 1999 para cá.

Um caso de biopirata "à antiga" é o do ex-pesquisador norte-americano Milan Hrabovsky, preso em 1999 no aeroporto de Manaus.

Ele levava sementes de andiroba, *Carapa guianensis*, que tem o óleo aproveitado comercialmente na produção de cosméticos e de repelentes de insetos.

As sementes foram encontradas por índios contratados por ele, sem auxílio de equipamentos, e estavam escondidas em artesanato indígena em suas malas.

Ele foi facilmente flagrado por um então recém-instalado aparelho de raios X no aeroporto.

Já os alemães Tino Hummel, 33, e Dirk Helmut Reinecke, 44, da nova safra de biopiratas, tiveram mais sorte com o aparelho de raios X, que no último dia 17 de fevereiro não detectou a presença de peixes vivos na bagagem deles.

Hummel, um funcionário público do Departamento de Infra-Estrutura Viária da Alemanha, e Reinecke, um administrador de empresas, cobriram seis caixas de isopor com um papel de alumínio inexistente no Brasil. "Esse papel frustrou a visão do aparelho", disse o delegado da PF (Polícia Federal) Rodrigo Fernandes.

Como a PF desconfiou da quantidade de itens da bagagem dos dois, abriu as caixas de isopor e descobriu os peixes.

Nas caixas, estavam 280 peixes, de 18 espécies diferentes.

Os alemães foram então presos, sob a acusação de dois crimes: biopirataria e contrabando.

Seria apenas biopirataria se eles fossem pegos só com os peixes proibidos de transportar. Mas havia no lote três espécies cuja comercialização é permitida somente com a autorização do Ibama. Os alemães, no entanto, não tinham essa autorização.

Por biopirataria, eles podem pegar de seis meses a um ano de prisão ou pagar multa —no caso deles, estipulada em R\$ 100 mil. Por contrabando, a pena pode chegar a quatro anos de detenção.

Até a última sexta-feira, eles continuavam presos, pois a Justiça Federal de Manaus não lhes concedeu habeas corpus.

Peixe de US\$ 5.000

Segundo a polícia, os alemães

localizaram em Barcelos (450 km oeste de Manaus) o ambiente natural do *Peckoltia platyrhyncha*, uma espécie rara de peixe ornamental que mede no máximo 13 cm e que ainda não foi estudada por cientistas brasileiros. Cada unidade custa até US\$ 5.000 no mercado internacional.

Os dois capturaram seis matrizes do peixe para formação de um plantel de reprodução, contrariando a legislação que diz respeito à saída de material genético do país, segundo um parecer técnico elaborado pelo Ibama.

Pela investigação, Hummel já esteve na região de Barcelos por duas ocasiões, provavelmente estudando os locais da ocorrência dos peixes. O contato dele na região era o guia turístico Tutunca Nara, que, em 1999, respondeu processo por biopirataria numa apreensão também de peixes contrabandeados por cinco alemães.

Entre as espécies proibidas, eles capturaram também o *Acanthicus adonis*, que tem valor inicial no mercado de US\$ 250, e quatro *Apistograma geophyra*, cujo preço médio é de US\$ 150.

Borboletas

Outro caso de biopirataria no novo estilo ocorreu no ano passado. Os suíços Willy Robert Fournier, Jean Claude Craviolini, François Léonard Titzé, Bernadette Therese Tonossi, Pierre Andre Berguerand e Louis Jules von Roten foram pegos em Manaus com 306 borboletas raras, com alto valor de comercialização.

Nas bagagens dos suíços, foram encontrados vários equipamentos, como redes de náilon com cabos de metal, lâmpadas próprias para localizar as borboletas, frascos plásticos transparentes vedados com rolas de madeira e um gerador de eletricidade.

Foram pegos pelo aparelho de raios X do aeroporto, que detectou o movimento das borboletas.

Presos, foram liberados depois de pagar multa de R\$ 107,1 mil e deixaram o Brasil. Nesse caso, não foi caracterizado o crime de contrabando.

O CASO DOS ALEMÃES

Os alemães Tino Hummel e Dirk Helmut Reinecke chegaram à Amazônia como turistas no dia 17 de janeiro para coletar peixes ornamentais no município de Barcelos (600 km a noroeste de Manaus)



Nas bagagens, trouxeram aparelhos GPS (sistema de posicionamento global), máscaras de mergulho, máquinas para fotografar embaixo d'água, medidor de pH e aquecedor de água

O pH verifica a acidez da água. O aquecedor permite que os peixes fiquem acondicionados em recipientes com a água na mesma temperatura de seu habitat natural, podendo viajar vivos por mais de 24 horas

O contato de Hummel e Reinecke em Barcelos era o guia turístico Tutunca Nara, que organizou o trabalho de pesca e o elo com comerciantes. Em 1999, o guia foi indiciado pela Polícia Federal do Amazonas por tráfico de animais silvestres. Com ele, mais seis alemães foram presos

Na estadia em Barcelos, Hummel e Reinecke coletaram 280 peixes ornamentais nas regiões de Samauá e Samula. Das 18 espécies identificadas, apenas três poderiam ser comercializadas

Entre as espécies ainda não estudadas está o *Peckoltia platyrhyncha*, cujo preço pode alcançar US\$ 5.000 no mercado internacional



No dia 17 de fevereiro, Hummel e Reinecke estavam no procedimento de embarque de um voo para Bancoc (Tailândia), no aeroporto internacional de Manaus, quando agentes da Receita Federal desconfiaram da quantidade de bagagem dos dois

O aparelho de raios X da Infraero não conseguia identificar os peixes que eles levavam nas bagagens. As caixas de isopor estavam cobertas por um material de alumínio

Só a abertura das bagagens pelos agentes da Polícia Federal identificou a biopirataria dos alemães, que foram presos em flagrante por contrabando

Fonte: Polícia Federal do Amazonas e Ibama

■ **Municípios:** Jutai, Fonte Boa, Tefé, Uarini, Alvarães e Coari

■ **Biopiratas interessados em:** peixes, microorganismos (fungos), aranhas, besouros, plantas e animais

■ **Destinos:**

Belgíca	Suíça
Holanda	Inglaterra
França	

■ **Municípios:** São Gabriel da Cachoeira e Barcelos

■ **Biopiratas interessados em:** fungos, peixes, plantas, aranhas e besouros

■ **Destinos:**

Belgíca	Alemanha
França	EUA
Holanda	

ÁREAS DE AÇÃO DOS BIOPIRATAS



■ **Municípios:** Borba e Nova Olinda do Norte

■ **Biopiratas interessados em:** borboletas

■ **Destinos:**

França	Belgíca
--------	---------

■ **Municípios:** São Paulo de Olivença

■ **Biopiratas interessados em:** peixes, fungos, aranhas, borboletas, plantas e outros animais

■ **Destinos:**

Inglaterra	Alemanha
Holanda	EUA

Falta setor de inteligência ao Ibama

DA AGÊNCIA FOLHA, EM MANAUS

A falta de um serviço de inteligência é apontada pelo próprio Ibama como uma das deficiências no combate à biopirataria na Amazônia.

"Nós temos vários suspeitos e informações, mas, por falta de um serviço de inteligência, não conseguimos interceptar os carregamentos", disse Adilson Cordeiro, chefe da fiscalização do Ibama no Amazonas.

Como a maior parte dos flagrantes ocorre no aeroporto, o Ibama assinou convênio com a Infraero, que administra os aeroportos, para que seus agentes acompanhem o embarque de voos internacionais.

No aeroporto

Desde os anos 80, o Ibama e a Polícia Federal tinham informações do envolvimento do ex-pesquisador norte-americano Milan Hrabovsky com a biopirataria. Ele teve uma passagem conturbada pelo Inpa (Instituto Nacio-

nal de Pesquisas da Amazônia) como estagiário, entre 1984 e 1989. Na época, foi acusado de biopirataria de besouros.

No entanto ele só foi preso e multado —em R\$ 5.000— depois da acusação de adquirir produtos e objetos de origem vegetal sem autorização do Ibama.

Ele foi pego pelo aparelho de raios X da Infraero no aeroporto, que detectou sementes de uma planta nativa em sua bagagem.

As sementes eram de andiroba, que tem alto valor comercial na indústria de cosméticos e farmacêuticos.

Em 2001, o Ibama multou, também em R\$ 5.000, o pesquisador alemão Ulrich Gerharb Friedhelm. Mas quem deu o flagrante foi a Infraero.

Na bagagem, o pesquisador levava 20 caixas (de 20 centímetros cada uma) com milhares de formigas vivas e fungos associados. O destino das formigas era o laboratório da Universidade do Texas (Estados Unidos). (KB)

OUTRO LADO

Alemães presos negaram elo com biopirataria

DA AGÊNCIA FOLHA, EM MANAUS

Os alemães Tino Hummel e Dirk Helmut Reinecke não atenderam à solicitação de entrevistas da Agência Folha.

Em depoimento à Polícia Federal, eles confirmaram que o GPS usado para capturar peixes ornamentais em Barcelos foi trazido da Alemanha. Mas negaram o envolvimento com a biopirataria. "O destino desses peixes seria nossos aquários particulares", disse Reinecke.

Hummel negou o uso do material de alumínio para impedir a visão do aparelho de raios X. "Trata-se de uma espécie de isolante térmico, não tivemos intenção de esconder nada", disse em depoimento.

Os dois alemães afirmaram desconhecer a legislação brasi-

leira. A Lei de Crimes Ambientais proíbe a coleta de espécies da fauna silvestre, sob pena de detenção de seis meses a um ano e multa.

"Eu não tinha conhecimento da necessidade de autorização para a exportação dos peixes", disse Hummel, afirmando que o guia Tutunca Nara organizou suas expedições.

O advogado Cláudio Rosa da Silva, que defende Hummel e Reinecke, ingressou com um recurso no TRF (Tribunal Regional Federal) da 1ª Região, em Brasília, contra decisão da juíza de Manaus, Jaiza Fraxe.

Ela negou o relaxamento da prisão dos alemães e também o pagamento de fiança, alegando que os dois poderiam fugir do país, como já ocorreu anteriormente com outros estrangeiros acusados de biopirataria. O TRF ainda não se pronunciou.

"O estrangeiro tem o mesmo direito de um brasileiro. Eu garanto que eles não vão fugir", afirmou o advogado dos dois alemães. (KB)

CPI sugeriu legislação mais rígida

DA AGÊNCIA FOLHA, EM MANAUS

A CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) da Biopirataria, criada para investigar o tráfico de animais e plantas silvestres brasileiros, terminou no último dia 26, depois de três meses, com poucos resultados práticos e muitas propostas. Na entrega do relatório final, os integrantes da comissão propuseram ao presidente da Câmara, João Paulo Cunha (PT-SP), a criação de nova CPI para investigar o assunto.

Segundo o relator da CPI, o deputado Sarney Filho (PV-MA), a investigação inicial conseguiu desmantelar inúmeras quadrilhas de traficantes —em especial, as que atuam no tráfico de animais, de pau-brasil e de mogno.

Integrante da CPI, a deputada Vanessa Grazziotin (PC do B-AM) diz que as características do tráfico de animais e de plantas na Amazônia é diferente das de outras áreas do país.

"Nas outras regiões, o tráfico de animais silvestres é muito forte,

mas tem como objetivo, no geral, a venda do animal. Na Amazônia, eles [os biopiratas] vão atrás do material genético para fazer pesquisas e, a partir daí, desenvolver novos produtos", disse.

Grazziotin afirmou que, em 1998, uma comissão interna da Câmara levantou, durante investigação, a suspeita de que muitos dos atos de biopirataria são amparados por instituições.

"A biopirataria ocorre via o manto da legalidade dos institutos de pesquisas", disse.

Penas mais duras

A principal sugestão apontada pela CPI da Biopirataria é o endurecimento da legislação sobre o assunto. Hoje, a Lei de Crimes Ambientais prevê pena de seis meses a um ano e multa para quem trafica animais e plantas.

No ano passado, o então presidente, Fernando Henrique Cardoso, enviou projeto de lei para o Congresso que eleva a punição para até cinco anos de prisão. O projeto ainda não foi votado.